

PH ROLES

Nº 10 | Ano 9 | Dezembro 2021

Futebol feminino em pauta
nesta edição, acompanhe
duas reportagens especiais

Idosos na pandemia
duas reportagens trazem a
situação da população idosa

Skate em Viçosa
saiba como está o apoio
local ao esporte olímpico

Retorno presencial
o desafio das
escolas do município



SUMÁRIO

- 4 O cuidado do Lar dos Velinhos
- 6 O PMTI: solidão e apoio
- 8 O desafio do retorno às aulas presenciais
- 10 Gestação em tempos pandêmicos
- 12 Decreto de inclusão separa a sociedade
- 14 Os desafios da mobilidade urbana em Viçosa
- 16 Setor imobiliário corre em busca da recuperação
- 18 O preço salgado do café
- 20 Apesar das dificuldades, a Capoeira resiste à pandemia
- 22 Skatistas de Viçosa começam a conquistar espaço
- 24 A luta para criar condições favoráveis à prática esportiva
- 26 Falta recurso. Raça, não!
- 28 Futebol feminino em Itabira carece de incentivos
- 30 Carnaval 2022: Abre alas que quero voltar!



PH ROLFS

Coordenação e
Edição Geral do Projeto
Prof. Ricardo Duarte Gomes
(MTB-DRT 3123)

Edição e Revisão Geral
Ricardo Duarte Gomes
Diogo Rodrigues

Edição e Revisão Adjunta
Bárbara Pinheiro

Foto de Capa
Diogo Rodrigues

Design Gráfico
Diogo Rodrigues

Redatores

Alice Ruschel, Ana Caroline
Silveira, Caio Ferreira, Caio
Parreira, Kedma Júlia, Laís
Fidélis, Laura Fernandes,
Lucas Moreira, Matheus
Tavares, Melissa Castro,
Noemi Silva, Pedro Castro,
Pedro Lopes, Roberta Abreu,
Taynara Pena, Thaís Brunelli,
Thais Poubel, Vinícius
Sampaio, Vitória Fernandes

Esta edição é em PDF.
Cópias impressas podem ser
encontradas na Biblioteca
Setorial do DCM. A PH Rolfs
é uma Revista produzida
por alunos de Comunicação
Social - Jornalismo da UFV,
por meio de disciplinas
obrigatórias e optativas.

Endereço

Prédio Fábio Ribeiro Gomes -
2º andar - Campus Universitário
Viçosa-MG. CEP: 36570-900
Telefone: 3612-3200
www.com.ufv.br

EDITORIAL

Por uma Imprensa livre!

Em um contexto de líderes autoritários que se espalham pelo mundo, o ano de 2021 foi marcado pelo Prêmio Nobel da Paz entregue ao jornalista russo Dmitry Muratov, editor-chefe do jornal independente Novaya Gazeta, e à jornalista filipina Maria Ressa, cofundadora do site de notícias Rappler. O prêmio representou a luta a favor da liberdade de Imprensa.

O periódico russo é um dos poucos jornais independentes do seu país e atuou em investigações sobre as violações dos direitos humanos. Desde 1990, seis colaboradores do jornal foram assassinados.

Por sua vez, Maria Ressa foi responsável pelos correspondentes da CNN no Sudeste Asiático por 20 anos. Seu site, o Rappler, publicava matérias investigativas criticando a opressão do poder político local. Disse ela: “Um mundo sem fatos significa um mundo sem verdade e sem confiança”.

A ONG estadunidense CPJ, Comitê para a Proteção dos Jornalistas, afirmou que 293 repórteres foram presos até dezembro de 2021 e 24 jornalistas foram mortos neste ano por causa de seu trabalho. Na Classificação Mundial da Liberdade de Imprensa, o Brasil ocupa atualmente a 111ª posição entre 180 países, sendo considerado um país com liberdade de imprensa restrita.

O acesso à informação não é só motivado pela ausência de recursos financeiros, mas igualmente pela falta de um país aberto à Imprensa livre. A Revista PH Rolfs é produzida por estudantes e professores do Curso de Jornalismo da UFV e se solidariza com a luta da Imprensa nacional e mundial contra líderes autoritários, buscando sempre dar visibilidade aos problemas públicos das cidades e das regiões. E não foi diferente nesta edição. Porque entendemos que, sem Jornalismo, não há Paz e nem Democracia. Boa leitura.

Ricardo Duarte Gomes
Editor da Revista PH Rolfs



IDOSOS NA PANDEMIA

O cuidado do Lar dos Velhinhos

Por Caio Parreira e Noemi Silva

Correspondente a mais de 26 milhões de pessoas hoje, no Brasil, a População Idosa encontra um ambiente frágil ao abordar assuntos como o abandono familiar e as consequências geradas pela Covid-19

Estima-se que, em 30 anos, a população idosa no mundo tenha um crescimento elevado, por conta das baixas taxas de natalidade observadas desde 2000 e da redução das taxas de mortalidade entre 80 anos ou mais (IBGE, 2019). Mas a certeza deste crescimento populacional dos idosos caminha em descompasso com as políticas públicas e as ações efetivas que protejam os direitos dessa população no país.

Segundo a legislação brasileira, os cuidados com a pessoa idosa devem ser de responsabilidade dos familiares. E com as famílias cada vez menores, muitas delas sem filhos para ajudar nos cuidados, isso se torna um problema, aumentado pela crescente estatística de abandono familiar.

Logo, essa situação requer a divisão da responsabilidade no cuidado da população idosa entre Estado e sociedade. E, diante disso, uma

das alternativas corresponde às Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), públicas ou privadas.

Em geral, as “casas de repouso” – como também são conhecidas as ILPIs – são diferentes dos asilos, já que podem cuidar dos idosos também por um tempo determinado. Seguindo sua tradição ligada à caridade cristã, elas são dirigidas à população carente, que necessita de abrigos e cuidados temporários ou definitivos.

A maioria delas (75,2%) é de natureza filantrópica, nas quais o idoso destina parte da sua renda para contribuir nos gastos. As de iniciativa privada correspondem a 15,6%. Apenas 9,2% são públicas.

Para entrar em uma ILPI, a família responsável pelo idoso procura diretamente a instituição. Em casos de violência, abandono e maus tratos, o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas) do município pode intervir.

A assistente social Juciana Costa Martino trabalhou no Centro de Referência de Assistência Social (Cras) até o início da pandemia. Ela relata que, em Viçosa, eles trabalham na socialização dos idosos com as famílias, visando à permanência dos vínculos familiares. Também atuam instruindo sobre seus direitos previstos no estatuto



Fotos: Noemi Silva

do idoso (Lei nº 10.741/2003). Quando há presença de negligência ou maus tratos, o Cras intervém e toma as providências necessárias de acordo com cada caso. Esse acompanhamento realizado é de extrema importância para criar um vínculo entre o idoso e a assistência.

O estudante universitário Gustavo Sobrinho, responsável pela área de projetos e assessoria no Lar dos Velhinhos de Viçosa, nos contou sobre a situação da casa antes e durante a pandemia. De acordo com ele, a instituição filantrópica sempre teve a ajuda de voluntários e, com a pandemia, houve uma ruptura na rotina dos idosos, causando grandes impactos mentais e físicos. Em consequência do surto de Covid-19, os idosos precisaram

de cuidados 24h por dia. Como uma tentativa de recuperar o contato perdido, a instituição montou parceria com a PUC/Minas e a UFV. Os profissionais ofereceram, durante a pandemia, apoio psicológico a idosos e funcionários da instituição. A diretora da entidade, Sheila Balbino, disse se surpreender com a recepção dos idosos com as telas do computador, já que nenhum idoso possui aparelho celular. Alguns não conseguiram se adaptar à tecnologia, mas gostaram do contato remoto.

Para ajudar o Lar dos Velhinhos com doação de alimentos, fraldas, roupas ou dinheiro, basta entrar em contato pelo telefone (31) 3891-3245 ou pelo site lardosvelhinhosviçosa.com.br.



IDOSOS NA PANDEMIA

O PMTI: solidão e apoio

Por Roberta Abreu e Taynara Pena

Os idosos sofreram forte impacto em sua saúde mental desde que a pandemia começou, por conta do isolamento. Em Viçosa, não foi diferente

Os efeitos do isolamento social provocados pela pandemia produziram medo e ansiedade entre os idosos e abalaram a saúde mental desse grupo, interferindo até mesmo em sua saúde física. A população idosa representa indivíduos com idade de 60 anos ou mais. No país, totalizam cerca de 20% da população, segundo dados do IBGE. Estudos com base nos dados da ConVid (Fiorcruz/UFMG/Unicamp) apontam que a ansiedade ou o nervosismo, na maioria do tempo durante a pandemia, foi relatado por 1/3 dos 9.173 idosos entrevistados.

O confinamento, inicialmente mais intenso para os idosos, fez do isolamento um ambiente solitário e angustiante. Tal situação é relatada pela aposentada Bárbara Araújo, de 77 anos: “Eu me sinto mais sozinha. Converso com as pessoas pelo whatsapp, pelo telefone, mas não posso ir à casa das amigas, dos parentes... isso me afetou muito”.

Houve um aumento expressivo do consumo de ansiolíticos e an-

tidepressivos por essa faixa etária. O número de idosos que buscaram ajuda psicológica também expandiu, segundo Gisele Freitas, psicóloga que atua Espaço Psiquê Saúde Integral, em Viçosa. “Trabalho com idosos há 5 anos. Nesta pandemia foi quando tive maior número de procura para atendimento psicológico individual”. Ela também alerta sobre os sentimentos desencadeados: “percebi o fato deles se sentirem alvo do vírus, já que são mais atingidos. A princípio, relataram muito medo e, depois, ansiedade para cuidar e ressignificar papéis em sua vida”. Com a fala de Gisele, pode-se constatar a vulnerabilidade à qual os idosos estão expostos. Isso nos traz uma indagação: qual o papel do poder público frente a isso?

A preservação da saúde física e mental da população idosa é direito assegurado pela Lei Nº 10.741. Com o papel de exercer essa função no âmbito assistencial do município, o Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI), vigente desde 1997, desenvolve atividades de maneira adaptada desde o início da pandemia. Um kit contendo uma apostila de atividades, máscaras e álcool gel foi entregue aos idosos. A escuta qualificada promovida pela estagiária de psicologia, Maria Clara Braga, também auxiliava.

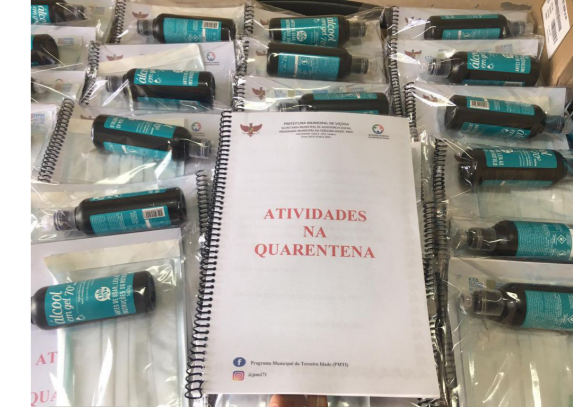
Fotos: PMTI



Idoso integrante do Programa Municipal da Terceira Idadeo PMTI, em Viçosa. O uso de máscaras e o distanciamento se tornaram fatores comuns desde que a pandemia começou

Giannetti, dentro do campus da UFV. Hoje, o Programa funciona em uma sede provisória, em um anexo da UBS do bairro Bom Jesus. Questionada sobre um prazo para a volta da realização das atividades de modo presencial, Vera informou: “Estamos esperando alugar a casa, porque não pode ser qualquer uma. Acho que só em 2022 a Universidade vai voltar a ceder o ambiente. Estamos procurando um local que tenha espaço suficiente”.

O convênio entre a UFV/DNS e o PMTI venceu há alguns anos e o Departamento de Nutrição decidiu pela não renovação. A UFV elaborou um novo modelo para trabalhar com a população idosa, a Universidade Aberta à Pessoa Idosa (Unapi), coordenado pela professora Andréia Ribeiro, do Departamento de Nutrição e Saúde da UFV. Ela destaca: “Como a universidade é



Pandemia e adaptações: kit com instruções de atividades, máscara e álcool gel, em separação para ser distribuído pela Secretaria de Assistência Social aos idosos do PMTI

aberta, a lógica é, de fato, abrir suas pilstras para a educação voltada ao envelhecimento, com atividades de educação e saúde. E sobre diferentes temáticas que sejam de interesse para o envelhecimento: o empreendedorismo, a cidadania, os direitos da pessoa idosa e que, acima de tudo, seja inclusivo”. Prefeitura e DNS/UFV dialogam sobre o formato de parceria nesse novo modelo.

Fachada da Casa 6, na Vila Gianetti, antigo espaço reservado ao PMTI. À direita, atual local onde as atividades acontecem, localizado no Bairro Bom Jesus

“Como o idoso está lidando com essa nova realidade, essa adaptação, o que ele tem feito, se arranhou novos hobbies, se mora sozinho, como é a situação familiar...”, conta. Segundo dados fornecidos pela Secretária de Assistência Social, Vera Saraiva, atualmente o PMTI conta com 2.770 inscritos e foram realizados cerca de 300 atendimentos este ano, cerca de 10,83% do total de idosos.

Antes da pandemia, o PMTI estava situado na casa 6 da Vila

Taynara Pena



Por Alice Ruschel

Há quase dois anos em ensino remoto por conta da pandemia, pais relatam seus medos com a volta às aulas presenciais nas escolas municipais, enquanto as instituições se adequam às normas de segurança

As aulas presenciais da rede municipal estavam suspensas em Viçosa desde 2020, em função da pandemia. Ao longo do ano, muitas reuniões ocorreram com o Centro de Operações de Emergência em Saúde da cidade para a retomada presencial. O atual modelo presencial nas escolas se iniciou no dia 27 de setembro, mas de forma facultativa e seguindo os protocolos de segurança divulgados pela Prefeitura. No entanto, esse tema divide opiniões, levanta questionamentos de especialistas e também gera medos nos pais e responsáveis.

A estudante Nathanny Dias, do curso de Educação Infantil da UFV, é mãe solo de duas meninas, Laura (7) e Lorena (4), que estudam na Escola Municipal Coronel Antônio Silva Bernardes (Casb). Contrária à ideia de volta às aulas presenciais, Nathanny visitou a escola das filhas e uma de suas principais preocupações era o não cumprimento das medidas sanitárias. “Acho um absurdo essa volta às aulas. Sei como são as minhas filhas e elas vão querer abraçar os colegas e professores, dividir a própria merenda e garrafinha de água, ou mesmo trocar de máscara”, explicou.

A experiência do ensino remoto para as filhas de Nathanny foi bem frustrante. Laura ainda está

EDUCAÇÃO

O desafio do retorno presencial



Alice Ruschel

Para o retorno presencial, a E. M. Edmundo Lins adotou o ensino por “bolhas”, em que parte dos estudantes fica em aula remota e outra parte vai à escola, na intenção de evitar aglomeração

zantes, álcool em gel e respeito ao distanciamento social entre os funcionários. Segundo a vice-diretora, Débora Silva, a quantidade de pessoas na escola estava reduzida. Naquele dia, havia 20 alunos nas salas e quatro professores revezavam entre as turmas. “Os pais vieram e deixaram os filhos. Eles entram, higienizam as mãos e medem sua temperatura. E assim encaminhamos para as salas”, comenta.

A reportagem foi também ao Casb e observou que os protocolos estavam sendo cumpridos. Havia sinalização no chão para orientar o fluxo das crianças, álcool em gel nas salas de aula e higienização das dependências da escola. As salas foram organizadas para receber nove alunos distanciados adequadamente. Além disso, foi adotado esquema de rodízio - parte dos alunos ficou em ensino remoto e outra no presencial. No Casb, a ocupação das salas estava abaixo de 50%. De acordo com a diretora, Vânia Machado Bento, os pais e responsáveis ainda estavam com receio de enviar os filhos à escola. Ela conta que, pela manhã, eram esperados 41 alunos, mas vieram 31. “É algo muito novo e diferente. Olhe para eles, estão ansiosos para começar as aulas. Alguns estão tendo o primeiro contato com a escola só agora”, diz Vânia, apontando para alguns alunos das séries iniciais que passavam olhando curiosos pela escola.

em processo de alfabetização e enfrentou muitas dificuldades. A filha mais velha tem auxílio apenas da própria mãe e do Plano de Estudo Tutorado (PET), que faz parte do Regime de Estudo não-presencial. Lorena, por sua vez, tem aula remota e monitoria à tarde com a professora. Nathanny, infelizmente, não conseguiu acompanhar as filhas por conta da sua dupla jornada de mãe e estudante. “É muito difícil alfabetizar crianças dentro de casa. A Laura não sabia o que era uma bala, hoje ela sabe porque eu ou o

PET ensinamos. Ela nunca pegou em uma cartilha de alfabetização”, desabafa.

Por outro lado, a educadora física Jêniifer Teles, mãe de João Paulo (5) e Sara (2), acredita que a volta às aulas de maneira presencial terá impacto positivo tanto na vida das crianças como na dela. Antes, João Paulo frequentava o Laboratório de Desenvolvimento Infantil (LDI) da UFV. Agora, tem três aulas por semana, de maneira síncrona e online, além das ferramentas da internet e um kit auxiliar mensal com

materiais desenvolvidos pela escola. Sendo a escola um ambiente para a socialização do indivíduo, Teles pensa que o retorno presencial trará benefícios para seu filho. “Um dia, algumas crianças se aproximaram para brincar com o João Paulo e ele começava a chorar, porque não sabia o que fazer. Ele se acostumou a ficar em casa e, infelizmente, vejo que essa volta às aulas presenciais será difícil, pois exigirá uma readaptação”, conta.

O virologista Sérgio Oliveira de Paula, professor na UFV, diz que

seria melhor o município esperar um maior progresso de vacinação antes de retornar às aulas presenciais. “O ideal seria ter 75% da população viçosense vacinada com as duas doses. Mas como isso nem sempre acontece, penso que seria interessante que chegasse pelo menos a 55%, para se pensar em um retorno seguro”, detalha.

A reportagem esteve na Escola Municipal Edmundo Lins na manhã do primeiro dia de retorno às aulas presenciais. Ao entrar, notamos a presença de tapetes sanitá-

Gestação em tempos pandêmicos

Por Kedma Júlia

Na pandemia aumentaram os índices de violência obstétrica e mortalidade materna. Alguns profissionais induzem procedimentos desnecessários para acelerar o parto, muitas vezes desrespeitando o desejo das gestantes

Uma noite de sexta-feira, Ana Cláudia Nunes teve seu primeiro filho, Liam Nunes. Em suas redes sociais, a mãe relatou sua experiência positiva com a equipe: “O acompanhamento, graças a Deus, foi excelente”. A fala de Ana Cláudia, porém, se contrapõe à de milhares de mulheres que, no Brasil, viram o acolhimento das gestantes, durante a pandemia, se tornar mais difícil.

A violência obstétrica (no parto, institucional ou estrutural) identifica qualquer violência à mulher grávida, parturiente, puérpera ou ao bebê, praticada durante a assistência profissional, capaz de desrespeitar a autonomia, a integridade física e mental, opções e preferências. A violência obstétrica foi reconhecida, em 2014, pela Organização Mundial da Saúde, como uma questão de saúde públi-

ca. É considerada como violência de gênero, por atingir mulheres e sinalizar para relações de poder.

No município de Sabinópolis, Leste de Minas, a Secretária de Saúde Maria Geralda Silva afirma que, durante a pandemia, “nos deparamos com algumas dificuldades, como a disponibilidade de leitos de UTI, transporte sanitário e, principalmente, baixo investimento e desatualização da tabela SUS”. A pandemia alterou a assistência profissional às mulheres grávidas e puérperas, sendo inclusive enquadradas no grupo prioritário da vacinação. Isso porque, sem a pandemia, as estatísticas já mostraram que uma em cada quatro mulheres já sofria essa violência, segundo pesquisa da Fundação Perseu Abramo e Sesc/SP.

A enfermeira obstétrica Rebeca Menezes aponta o fator emocional

e psicológico da pandemia como um elemento chave para compreender algum aumento da violência obstétrica. Para ela, o medo e a incerteza de quando intervir na gravidez, com frequentes mudanças de protocolos, fez com que muitos profissionais induzissem procedimentos desnecessários para acelerar o parto, algumas vezes desrespeitando o desejo das gestantes, na expectativa de assim assegurar



O parto de Liam, primeiro filho da Ana Cláudia Nunes

Fotos: Arquivo pessoal



Liam nos braços da mãe, em ocasião do Dia do Filho



Kedma Júlia

uma menor exposição da equipe e dessas mulheres. Um outro erro comum, advindo da desatualização dos profissionais, seria a crença de que partos normais expõem as mulheres a um risco maior em relação às cesáreas.

O Brasil, hoje, é o segundo país em índice de cesáreas: 55%, enquanto o recomendado pela OMS é de 15%. Para Rebeca, as intervenções, que surgiram no intuito de reduzir a mortalidade materna e neonatal, têm sido usadas em excesso, trazendo consequências capazes de perdurar por toda a vida dessas mulheres.

O poder da informação

“A gente pode dizer, sendo bem clichê, que a informação nos liberta”, afirma a enfermeira Rebeca. Sua fala demonstra as possibilidades que as mulheres bem informa-

Hospital São Sebastião (HSS) é referência em maternidade da microrregião de Viçosa

das podem ter durante a gestação. “Quanto mais informação a mulher tem sobre o seu processo, as adaptações do corpo, o processo fisiológico que é o gestar, parir e o pós parto, mais liberdade ela tem em relação às opções de vivenciar esse momento de uma forma consciente e plena, tendo uma menor chance de entrar em procedimentos desnecessários”, afirma.

Pensando nisso, um coletivo de mulheres conduzido pela médica Patrícia Carvalho Silva, o “Coletivo Nascer”, surgiu em São Paulo para atender partos hospitalares humanizados, de forma acessível. Esse apoio foi importante inclusive para a mãe Ana Cláudia, acolhi-

da por um grupo de gestantes que trocavam experiências em rodas de conversa. Ana também destaca o papel dos cursos online, que ofereceram um arcabouço precioso no momento da gestação: “Todos os que eram gratuitos eu fui fazendo. Uma coisa positiva da pandemia foi essa chuva de cursos que apareciam toda semana. Tomei conhecimento durante a gravidez, fiz o plano de parto e discuti alguns pontos para alinhar as ideias, então me senti segura”. O fortalecimento psicológico da família pode impedir que o medo ganhe espaço, violências ocorram e as consequências sejam sentidas num momento tão vulnerável.

Decreto de inclusão separa a sociedade

Por Melissa Castro e Thais Poubel

Escolas “especiais” vêm sendo discutidas por meio de audiências públicas em proposta que prevê inclusão, mas priva Pessoas Com Deficiências (PCDs) e crianças autistas de convívio com a população neurotípica

Anova política de educação especial, decreto nº 10.502, assinado pelo Presidente da República no ano passado, diz: “oferecer atendimento educacional especializado e de qua-

lidade, em classes e escolas regulares inclusivas, classes e escolas especializadas ou classes e escolas bilíngues de surdos a todos que demandarem esse tipo de serviço”. Porém, a legitimação e obrigatoriedade de modalidades educacionais “especiais” nega o direito à convivência de pessoas com deficiência em escolas regulares. Além disso, famílias perderiam a autonomia na hora de decidir a vida acadêmica dos filhos. Devido a essas questões, o Supremo Tribunal Federal (STF) suspendeu

o decreto e realizou audiência pública para debater o assunto.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualmente há 12,5 milhões de pessoas com deficiência no Brasil. Este decreto afeta crianças dentro do espectro autista. Para incluir todos, seriam necessárias

Estudantes da E. E. Dr. Pedro Paulo Neto (ensino regular) formando o símbolo do Autismo no pátio da escola

Fotos: Karla Coelho

Alunos da APAE Carangola em terapia sensorial



adaptações das escolas, professores e do próprio ensino, que requerem investimentos em recursos pedagógicos, professores de apoio e treinamentos dos profissionais educadores. O Ministério da Educação (MEC) declarou que a política que separa alunos com deficiência das escolas regulares não é um “retrocesso”, mas “ampliação de direitos” (dados do Uol). Pais e profissionais da área de educação especial discordam veementemente.

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) é uma instituição que trabalha nos municípios com Pessoas Com Deficiências (PCDs), crianças do espectro autista e altas habilidades/superdotação. Nossa reportagem conversou com a diretora pedagógica da Apae do município de Carangola/MG, Maria Emília Boroni. Ela conta que a criança, após ter o diagnóstico feito por uma equipe interdisciplinar, tem um plano

de atendimento individual para trabalhar com sua necessidade ou patologia específica. As escolas regulares podem encaminhá-las para atendimento terapêutico paralelo às atividades estudantis, mas é preferível que elas sejam matriculadas no ensino regular. “Na área de assistência social, há uma grande defasagem em políticas que possam favorecer a inclusão social das pessoas que delas necessitam. As principais contribuições da Apae vêm de convênios firmados na área de saúde e educação com instituições que oferecem atendimento nesta área”, conta Maria Emília.

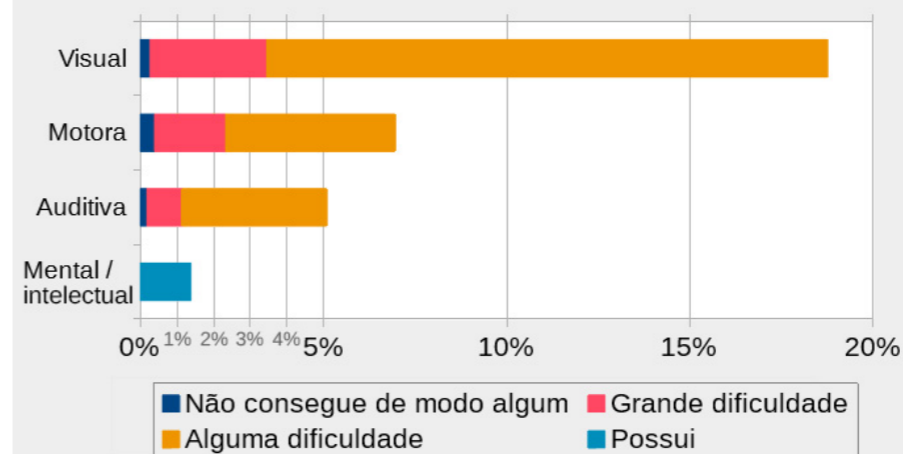
Segundo a neuropsicopedagoga

Karla Coelho, especialista em Educação do Autista, cada pai deveria ser capaz de decidir, juntamente com a criança, em qual modalidade de ensino ela pode se desenvolver melhor. “Cada caso é um caso, algumas crianças realmente têm dificuldade com o ensino regular e se dariam melhor na escola especial”. Para ela, tratar a criança com necessidade especial como igual e com justiça é a inclusão da forma correta: “a justiça, nesse caso, é oferecer um meio dessas crianças chegarem ao mesmo patamar dos outros alunos”.

Uma mãe de criança autista, que não quis se identificar, nos contou que seu filho foi uma das primeiras crianças dentro do espectro autista a conseguirem o benefício de ter um professor de apoio no município de Divino/MG. De acordo com ela, essa pessoa é “um intérprete entre dois mundos, pois passa para criança o que que o professor regente ensina, de uma forma que a criança entenda, além de dar suporte na comunicação com a turma”.

A educação inclusiva deve buscar desconstruir práticas de segregação às quais pessoas com deficiência já foram submetidas. Voltar ao passado é um atraso, é perder anos de luta.

Porcentagem da população, por tipo e grau de dificuldade e deficiência (Brasil - 2010)



Observação: mesma pessoa pode ter mais de uma deficiência.

Os desafios da mobilidade urbana em Viçosa

Por Lucas Moreira e Vinícius Sampaio

Especialistas e o poder público apresentaram soluções para a mobilidade urbana na cidade, que incluem a instalação de radares em torno do município e propostas para transportes não motorizados

Os debates públicos na busca por soluções para a mobilidade urbana em Viçosa são muito antigos. Os desafios estão constantemente em pauta. A malha viária urbana sofre com a falta de conexão entre bairros e

regiões, diversas ruas operam acima da sua capacidade em horários de pico, além das más condições de algumas calçadas, pouco acessíveis. Os debates e discussões estão refletidas no Plano de Mobilidade Urbana (PlanMob), aprovado em 2020.

Os problemas do município vêm de longa data, iniciando com a federalização da UFV, em 1969. A necessidade de maiores investimentos na instituição promoveu a mudança de um grande contingente populacional para a cidade, gerando um espaço urbano desor-

denado e desigual, pelo super adensamento e verticalização da região central.

Os problemas relacionados ao transporte público coletivo também se fazem presentes. Durante a pandemia, a concessionária que presta serviços ao município alegou déficit financeiro. Houve demissão de funcionários, restrição de horários e redução das linhas nos bairros mais afastados. Como resultado, reacendeu-se o debate sobre a mobilidade urbana.

É fato que o transporte público não atende as demandas da população e, por conviver com essa realidade, o cidadão “não tem noção

Lucas Moreira



A Rua dos Passos sintetiza os problemas da mobilidade urbana na cidade: via estreita e sem acostamento, com calçadas pouco acessíveis, prejudica a circulação de veículos e coloca em risco ciclistas e pedestres. Há um projeto que propõe mão única, por um curto período, a fim de avaliar os benefícios na região

público de bicicletas, e o plano de ação de estacionamentos rotativos”, afirma André. Fora do centro, serão instalados radares e canteiros centrais nas vias com maior fluxo.

Recentemente, a empresa Bike Bier chegou na cidade mostrando uma solução para a mobilidade urbana alternativa. A empresa conta com cerca de 170 bicicletas que são alugadas para passeios. De acordo com o sócio-proprietário Rogério Oliveira Silva, existem quatro projetos em fase de planejamento, os quais serão entregues aos órgãos competentes para melhoria da cidade. Porém, o empresário não revelou à nossa reportagem exatamente do que se trata.

O professor Ítalo se diz otimista quanto a execução do PlanMob, mas vê falta de vontade política para implementar o projeto. Ele ainda destaca soluções mais urgentes, como a implementação de rotas acessíveis com prioridade aos usuários de cadeira de rodas, ciclovias e aproveitamento de parte da linha férrea com o VLT. Para a vereadora Jamille, é importante a criação de um conselho para fiscalizar tudo que envolve a mobilidade urbana e que possa garantir o direito de mobilidade à população, para dar acesso a outros direitos, como saúde, educação e lazer.

do que é um transporte coletivo de qualidade”, afirma o professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFV e um dos autores do PlanMob, Ítalo Stephan.

Preocupada com o assunto, a vereadora Jamille Gomes (PT) solicitou audiência pública, em 30 de agosto, para discutir a situação do transporte público. Segundo ela, “a maioria das pessoas não está satisfeita com o serviço e a intenção era levar essa demanda”. Uma delas é a moradora da rua Gomes Barbosa, Antônia Orduña, aposentada, que abandonou o ônibus no início da pandemia devido à insegurança sanitária, além dos atrasos, da baixa qualidade dos veículos e do preço da passagem.

Já as bicicletas foram objeto de estudo da estudante Sheila Menini, doutora em Engenharia Civil. Ela registrou, em sua pesquisa, uma média diária de 1.885 bicicletas em circulação na UFV, em 2016. Hoje, a Universidade conta com ciclofaixas em algumas de suas vias. O VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) também já foi objeto de discussão sobre mobilidade urbana na cidade. O veículo utilizaria a malha ferroviária que corta alguns bairros da cidade até a Universidade.

Com relação ao trânsito, André Quirino, chefe do Departamento de Engenharia de Trânsito da cidade, relata que a Diretoria de Trânsito executará ações de curto e médio prazo, em consonância à UFV. Para reduzir o fluxo de veículos na região central, a pasta trabalhará “o plano de mobilidade, que privilegia ações que vão precisar passar por modificações para receber esse

A UFV implementou, recentemente, ciclofaixas em trecho da Av. P. H. Rolfs dentro do campus

Divulgação/UFV



Setor imobiliário corre em busca da recuperação

Por Laís Fidélis e Pedro Castro

Após impacto da pandemia e a consequente ausência de estudantes, mercado imobiliário viçosense deve reaquecer em 2022

A pandemia impactou diversos setores ao redor do mundo. Em Viçosa, o setor imobiliário foi um dos mais afetados, devido à ausência da população estudantil. Considerados como população flutuante (não contam como população oficial do município para o IBGE), os estudantes respondiam pela parcela de consumidores de serviços da cidade, mas a dependência econômica de Viçosa para com a Universidade estagnou o setor imobiliário no período mais crítico da pandemia. Com o anúncio da interrupção das aulas, a maioria dos estudantes retornou para seus municípios de origem, onde permaneceram por mais de um ano. Muitos entregaram apartamentos onde viviam, por insegurança financeira e falta de perspectiva futura.

Segundo Débora Chequer, proprietária de diversos apartamentos para locação, em cada período da pandemia uma atitude diferente foi

tomada. “No começo achávamos que seriam 2 ou 3 meses, adotamos outra postura a partir do momento em que percebemos que as aulas não voltariam em 2020, aplicando descontos proporcionais à realidade de cada inquilino”, conta.

Para as imobiliárias também foi um momento de incertezas. Além da locação, a compra e venda de imóveis também passou por um momento de paralisação, enquanto o setor da construção civil, por sua vez, teve seus insumos inflacionados. Para enfrentar a crise, as imobiliárias buscaram na digitalização uma forma de retomada das atividades. De acordo com o trabalhador do ramo Sidney Souza, a facilidade para o atendimento online e envio de documentação por e-mail ou whatsapp foi o que permitiu o contato entre a imobiliária e seus clientes. A tecnologia aliou-se ao ramo, conhecido por seus processos burocráticos, mostrando que até mesmo os espaços mais conservadores podem se digitalizar.

Outra perspectiva surpreendente foi o reaquecimento do setor em poucos meses: o mercado voltou a circular com o incentivo de reformas domésticas e a abertura de novas empresas na área da construção civil. Para o ex-presidente da Associação

dos Corretores Imobiliários e especialista da área, Luciano Moreira, o começo de 2020 foi complicado. Entretanto, segundo ele, 2021 foi o melhor ano de vendas em todos seus 27 anos de carreira. A partir dos primeiros meses, a população voltou a ter segurança financeira para investir em imóveis. “Esse novo cenário de boas vendas e aquecimento do mercado ocorreu em função da taxa Selic em 2% e a poupança com 0,12% ao mês. O cliente nos procurava para ter a segurança da aplicação do dinheiro em um imóvel e ter uma maior rentabilidade”, disse Luciano.

Assim, as perspectivas para o ano de 2022 são positivas para todas as partes envolvidas no ramo

de imóveis, seja para os estudantes, que voltarão à cidade a partir de janeiro, seja para os proprietários e as imobiliárias. “A retomada em Viçosa vai ser mais estável e movimentada devido à iminente volta dos estudantes da UFV e à perspectiva favorável em relação à vacinação. O ramo de construção civil teve uma alta considerável de novas empresas abertas em 2021 e a expectativa é de que esse crescimento continue”, explica a secretária municipal de desenvolvimento econômico, Rita de Cássia.

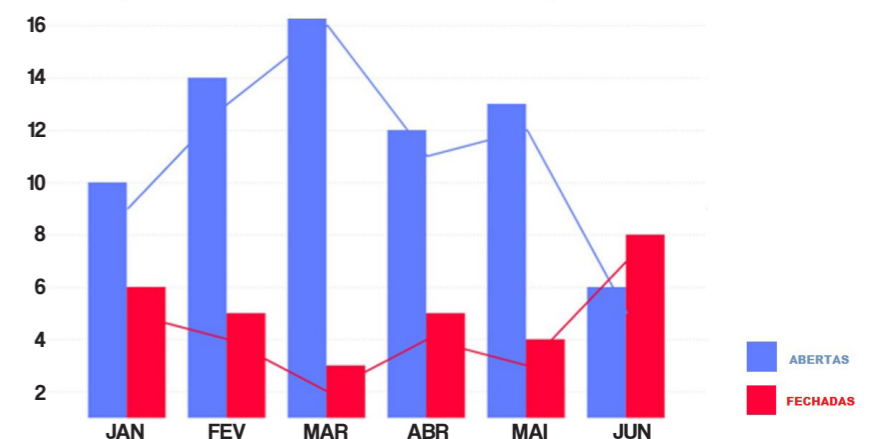
Apesar do aumento progressivo da taxa Selic (principal instrumento do Banco Central para manter sob controle a inflação oficial, medida pelo Índice Nacional de Preços ao

Consumidor Amplo - IPCA), a secretária municipal acredita que o incentivo ao empreendedorismo na construção civil e o retorno as aulas manterão o mercado aquecido.

Prédio Sebastião da Cunha, o Carandiru, localizado na avenida PH Rolfs, em Viçosa, com diversos apartamentos disponíveis para locação



Empresas Abertas e Fechadas em Viçosa-MG 2021 - Primeiro Semestre



O preço salgado do café

Por Thaís Brunelli

Sul e sudoeste de Minas Gerais são responsáveis por cerca de um terço da produção nacional do café. Após geadas, quebra da safra elevou o valor do produto no mercado

As lavouras de café no Brasil vêm sofrendo este ano com a seca e a alta do dólar, que tem deixado cara a cadeia produtiva. Em julho, o Sul de Minas (região conhecida por produzir os melhores cafés do país) sofreu com a queima nas lavouras de café, motivada pela forte geadas ocorrida na região. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), as estimativas são de que as lavouras tenham sido atingidas pelo gelo em percentuais de 10% a 100%. Isso causa a diminuição da oferta do insumo no mercado e a consequente alta dos preços. Por esses fatores, a Associação Brasileira da Indústria do Café (Abic), declara que o aumento no preço do café será o maior em pelo menos 25 anos.

Seca e geadas causam danos substanciais para as plantações de café. Agrônomo formado pela UFV, João Marcos Caixeta Franco é professor do Curso de Economia da Universidade Federal de Alfenas (Unifal). Ele explica como as geadas atingem os cafezais: “A geadas é um fenômeno físico de ordem climática que faz com que haja

formação de gelo no interior das folhas da planta de café. Com isso, há a explosão e o derramamento dos líquidos celulares, matando aquela folha. Quando a geadas é intensa, chega a matar as guias de café, aquelas varetas onde o grão de café nasce e cresce. E aí, quando há

esse tipo de dano, você, no mínimo, compromete a safra futura”.

Segundo o especialista, o mercado já fez a leitura de que faltará café no futuro. Esse choque de oferta impede a baixa no valor no atual momento de safra. Assim, os compradores podem tomar uma

postura de estocar o produto, mais um fator que favorece a alta de preço. “No início da colheita, o café estava em torno de R\$700 a saca de 60kg. Após o episódio de geadas, esse preço elevou a mil reais a saca”, completa. Em dezembro de 2021, o valor estava na casa dos R\$1400.

O preço na cadeia produtiva do café é cotado na Bolsa de Nova Iorque, o que o torna muito volátil. Isso ocorre devido a fatores relacionados à oferta e demanda. Levando em consideração que o preço é co-

tado em dólar, as oscilações da taxa de câmbio também são responsáveis por afetar competitividade e rentabilidade dos produtores.

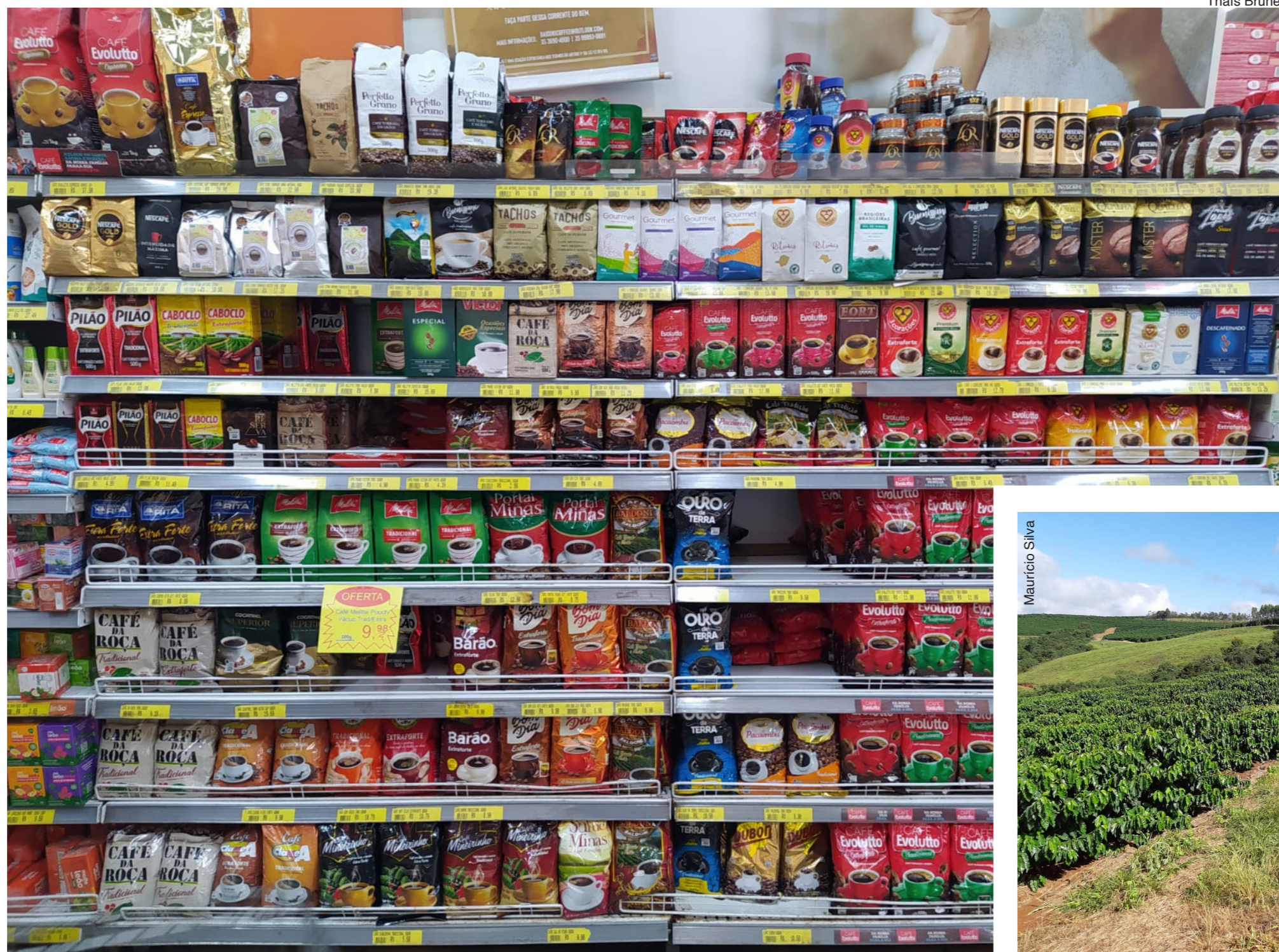
Em Minas Gerais, Varginha foi uma das cidades mais afetadas pelas intempéries de julho. O Secretário de Agricultura do município, Marcos Antônio Batista, conta que, a priori, foi feito um levantamento de todos os prejuízos causados pela geadas. Depois, em agosto, o município instituiu um projeto de incentivo e apoio à agricultura

familiar, mapeando as áreas mais fragilizadas, que carecem de providências imediatas. O secretário afirmou que o Ministério da Agricultura disponibilizou em torno de R\$2,3 bilhões para atendimentos imediatos, o que é uma ajuda pronta e substancial.

No Sul de Minas, a cooperativa Minasul também é um importante polo da cafeicultura. O gestor comercial da empresa, Maurício Sérgio Silva, informa que, no momento, o maior desafio da cooperativa é conseguir manter crédito e fazer com que os produtores consigam ter a rentabilidade que merecem e necessitam.

Para os amantes da bebida, é importante saber que não há expectativas de diminuição nos preços do café a curto prazo. A redução pode ser pensada em um horizonte de, no mínimo, três anos, quando as lavouras voltarão a produzir quantidades significativas do grão.

À esquerda, os altos preços dos pacotes de café em supermercado popular de Varginha (MG). Abaixo, lavoura de café no município de Carmo da Cachoeira, no sul do estado



Thaís Brunelli



Maurício Silva

ESPORTE NO INTERIOR

Apesar das dificuldades, a Capoeira resiste à pandemia

Por Laura Fernandes

Resistência não é novidade para os capoeiristas em Viçosa. Mesmo na pandemia, mestres e professores seguem na luta para manter a prática viva

Segundo o site da Rádio Câmara, no governo de Getúlio Vargas, em 1937, a capoeira foi reconhecida como esporte nacional e, em 2008, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Somente em 2014 foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) como patrimônio cultural imaterial da humanidade. De acordo com o Iphan, a roda de capoeira está presente em mais de 160 países.

Em Viçosa, a atividade foi introduzida pelo Mestre Saci, baiano que veio estudar na UFV e montou um grupo que, mais tarde, ficou sob a responsabilidade de Luís Carlos Vitor, conhecido como Mestre Garnizé. Uma matéria de 2017 do jornal local Folha da Mata traz a

informação. Em 2020, com a pandemia da covid-19, os capoeiristas precisaram se adaptar para continuar praticando, seja por meio das lives e plataformas online ou presencialmente, seguindo as medidas preventivas.

O chefe do Departamento de Cultura da Prefeitura, Marcelo Oliveira, diz que “é indispensável ter ações que fomentem a capoeira, e Viçosa tem vários mestres que ficaram um pouco dispersos, até meados de 2020, quando começou a surgir uma articulação entre eles, através do Conselho de Cultura”. Marcelo ainda destaca que, durante a pandemia, a Secretaria Municipal de Cultura lançou um edital, feito a partir do cadastro dos artistas da cidade, que selecionou seis profissionais da capoeira para a 1ª Mostra da Cultura Popular, com a série de vídeos “Mestres da Cultura Popular”, disponibilizada no canal do YouTube da Prefeitura de Viçosa.

Os mestres de capoeira da associação Guerreiros de Zumbi, Mestre Garnizé e Luciano Vitor da Silva, o Mestre Lau, receberam o valor de R\$300 por participarem da mostra, mas apontaram que ainda

falta apoio do poder público. Luís relata que foi difícil ficar parado no início da pandemia e os alunos dos projetos sociais sentiram falta das aulas, que retornaram somente em meados de 2021. Luciano lamenta que “foram muitas as dificuldades enfrentadas pelos capoeiristas brasileiros nesse período, pois muitos que viviam de aluguel perderam a moradia e os espaços físicos que davam aula. Eu tive que me virar, dei algumas aulas pelo *Google Meet*, mas não foi suficiente”.

Já o professor de capoeira e educador físico Veizada (Ludimar Pereira) teve mais facilidade para se reinventar na pandemia. Ele conta que, no início, precisou realizar aulas online, mas agora já dá aulas presenciais em sua academia. Ludimar também pontua que o município carece do reconhecimento

da capoeira. “A valorização social da capoeira é mínima ainda. Por ser uma atividade marginalizada, a sociedade não enxerga o mestre e o professor de capoeira com o devido respeito”, disse.

Questionado sobre o Plano Municipal de Cultura, que tem como um dos objetivos a promoção da capoeira em Viçosa, Marcelo explica que é um planejamento decenal e que as ações são realizadas a curto, médio e longo prazo. Sendo assim, certas ações, como o registro e valorização, já foram realizadas. Outras demandas dependem de uma articulação maior dos grupos

do município. Segundo Mestre Garnizé, durante a pandemia foi criada a Liga de Capoeira de Viçosa, a fim de unir os grupos e buscar mais apoio do poder público.

Benefícios para a saúde

Além da questão cultural e histórica, a capoeira enquanto esporte traz muitos benefícios para a saúde

Apresentação da associação Guerreiros de Zumbi no evento “Semana da Juventude de Prevenção ao uso abusivo de álcool, tabaco e outras drogas”, realizada no Espaço Trigoleve

de - sobretudo na pandemia, uma vez que as pessoas ficaram mais sedentárias e com a saúde mental abalada. Segundo o Professor Veizada, “a capoeira é uma das atividades físicas mais completas, principalmente para o desenvolvimento motor e cognitivo das crianças, pois trabalha desde a infância a coordenação motora, flexibilidade, equilíbrio, força e consciência corporal”. Por fim, ele destaca que a capoeira é uma atividade que traz a musicalidade, o canto e a história cultural de um povo.

Os interessados em iniciar a prática da capoeira podem procurar a associação Guerreiros de Zumbi - às segundas, quartas e sextas, às 19h, na Associação dos Servidores Administrativos da UFV (Asav). Ou a academia Ação e Água, em dias e horários a definir. Já o Professor Veizada trabalha com aulas de capoeira na academia Ludi Studio (@ludistudio, no instagram).



Arquivo Pessoal

Mestre Garnizé (à esquerda) e Mestre Lau (à direita) cantando e tocando berimbau na série “Mestres da Cultura Popular”



Reprodução/PMV

ESPORTE NO INTERIOR

Skatistas de Viçosa começam a conquistar espaço

Por Pedro Lopes

Após o skate se tornar esporte olímpico, a Secretaria de Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes iniciou aproximações com a comunidade, visando a sanar demandas a curto, médio e longo prazo; demais esportes radicais também estão na pauta

Em agosto de 2021, o secretário de Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes, Thomas Medeiros, e o secretário de Administração, Luan Gomes, se reuniram com o diretor do Geoplam, Douglas Ferreira, e quatro representantes das modalidades de skate e patins de Viçosa. Na pauta, um estudo de viabilidade da construção de uma pista que contemple os dois esportes.

A discussão sobre um local para a prática do skate na cidade é antiga. Na última gestão municipal, a Prefeitura entregou à UFV um projeto para que a pista fosse construída na frente das quatro pilastras. Contudo, não foi aprovado pela Pró-Reitoria de Administração da UFV. O ex-vereador Geraldão era, em 2016, o presidente da Comissão de Cultura, Turismo, Esporte e Juventude da Câmara e também já participou de discussões sobre o assunto.

Sem um local próprio para andar de skate, os skatistas passaram a utilizar qualquer objeto nos espaços públicos da cidade para a prática do esporte. Entretanto, a reinterpretação do espaço público por parte dos esportistas não exclui a necessidade de uma pista específica, um lugar fixo para que

os praticantes do skate possam fazer os seus “rolês” e treinos com segurança, em qualquer momento do dia. “Acompanho a demanda dos skatistas, patinadores e bikers já faz um tempo. Ao me tornar Secretário de Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes, iniciei uma conversa com o setor, para ouvi-los sobre suas demandas a curto, médio e longo prazo” afirmou Thomas Medeiros.

A curto prazo, a Secretaria de Cultura conseguiu a concessão de uso da quadra poliesportiva da Escola Municipal Edmundo Lins, aos

O Secretário de Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes, Thomas Medeiros (de cinza, ao meio), e skatistas na quadra da Escola Municipal Edmundo Lins



Arquivo pessoal



Pedro Lopes

sábados, para a prática do esporte. Segundo o Grupo de Apoio ao Skate em Viçosa, essa ação foi uma vitória, pois gerou um local fixo com um bom ambiente. Entretanto, a construção da pista será ainda mais importante para o progresso do esporte olímpico na cidade.

Para o educador físico Emmanuel Sialino, a disponibilidade de um local para os skatistas é um assunto importante, pois incentivava não só a prática do esporte de forma saudável e com segurança, como também é um espaço de lazer. Contudo, ele salienta a necessidade de descentralizar esses espaços, levando-os também para as comunidades, uma vez que é dever constitucional do Estado fomentar a prática esportiva a todos os cida-

ãos. “O skate é um esporte pouco popular e precisa de mais incentivo, mais espaços como esse [do Edmundo Lins], principalmente nos bairros periféricos, que carecem muito de locais específicos de lazer”, concluiu Emmanuel.

A pista de esportes radicais é um projeto a longo prazo e ainda está em fase de estudos. O espaço alvo, localizado no bairro Bela Vista, foi cedido pela UFV. Segundo o Secretário Thomas Medeiros, o estudo está na fase de levantamento altimétrico. Depois disso, será projetado um *Skate Park*, que contemplará as modalidades *Street* e *Park* de Skate, Patins e BMX. Com o projeto em mãos, a secretaria irá em busca de recursos para a execução da obra.

Skatista utiliza arquibancada da quadra poliesportiva de São José do Triunfo para praticar manobras

A luta para criar condições favoráveis à prática esportiva

Por Ana Caroline Silveira

Grandes nomes do esporte surgiram em contextos difíceis da várzea, enquanto outros sonhos de infância se perderam no solo duro do interior. A falta de investimentos nas práticas esportivas de cidades como Presidente Bernardes/MG faz com que uma obrigação se pareça um favor

Esporte e lazer são direitos garantidos aos cidadãos pela Constituição, mas por vezes tal direito não é visto em cidades pequenas. É o caso do município de Presidente Bernardes/MG, com pouco mais de

5 mil habitantes, no qual a falta de lazer sempre foi objeto de reclamação da população local, em especial entre os jovens.

O principal local de lazer da cidade é a praça de esportes Quincas Maciel, que, ao longo dos últimos anos, funcionou para partidas de futebol. Ali aconteciam as partidas do Campeonato Amador entre clubes da cidade, além dos treinos semanais oferecidos às crianças. Porém, ainda antes da pandemia, em 2019, o local foi interditado pela equipe de vistorias do Corpo de Bombeiros, após a Polícia Militar observar situações irregulares de segurança. A partir daí, o entretenimento foi suspenso e os jovens não conse-

guiram mais praticar as atividades físicas em local apropriado.

Segundo o atual secretário de esportes, Dante Vidigal, não há muito o que se possa fazer pelas práticas esportivas no cenário de pandemia, com as restrições sanitárias e as reformas pendentes no complexo esportivo. “Ainda não tem nada pronto. Existe um problema muito grande na piscina e na parte elétrica, e nós temos uma planta de obras, a planta de serviços que tem que ser realizados a pedido do corpo de bombeiros. Já

Guirras Futebol Clube, equipe local, comemorando com a torcida a vitória do campeonato amador



Arquivo pessoal



Ana Caroline Silveira

Praça de Esportes Quincas Maciel com os portões fechados

foi feita a licitação e a firma que ganhou virá fazer esse serviço, mas não tem nada pronto ainda”, explica o secretário.

A prática esportiva, além de ter papel fundamental na vida de crianças e adolescentes, é também um meio pelo qual a juventude da cidade pode se desenvolver, aprender valores e garantir melhor convivência em sociedade. A psicóloga Verônica San Severino defende que a atividade física na juventude seja vista como um fator de proteção de doenças e sintomas psicológicos negativos. Ela destaca, ainda, que a falta de entretenimento para os jovens intensifica a necessidade do esporte. “Eu atendo muitas crianças com sintomas de nervosismo, estresse e depressão. Sinto falta de poder encaminhar para algum tipo de esporte que seja capaz de ajudar. Como uma questão de promoção da saúde mental, esses jovens e crianças com sintomas estariam

recebendo a indicação de prática de atividade física para ajudar a tratar essa série de sintomas. Existe a academia na cidade, vai abrir um estúdio com práticas relacionadas à dança, mas é tudo é muito limitado. Acho que poderia ter outras opções para chamar atenção de adolescentes e crianças, como hidroginástica, natação, judô e jiu-jitsu”, comenta.

O futebol também funciona como saída para uma profissão. O grande ídolo local, o atleta Vilmar Paulo, mais conhecido como Barraka, é visto como uma figura exemplar entre a juventude pela persistência e força, por fazer seu sonho tomar forma e expandir para além das fronteiras da cidade onde nasceu. Com 25 anos, Barraka é atleta profissional do Clube Atlético Cambé, da cidade de Londrina, no Paraná.

A história de Barraka serve de exemplo. Grandes profissionais podem e devem surgir em pe-

quenos centros. Apesar da inexistência dos treinos regulares desde 2019, no dia 28 de agosto algumas crianças da região foram levadas para o município de Conselheiro Lafaiete/MG, onde participaram de uma pré-seletiva realizada pelo São Paulo Futebol Clube. Nenhum deles foi aprovado depois da segunda etapa.

O futebol se popularizou por ser um esporte de prática fácil e acessível: basta um objeto redondo e um par de chinelos para demarcar o gol: nasce ali uma partida de futebol. E é assim que as crianças têm conseguido se distrair. Nem mesmo o isolamento impediu que essas práticas acontecessem, de modo que, semanalmente, os jovens se reúnem em campos improvisados para praticar seu lazer.

Falta recurso. Raça, não!

Por **Vitória Fernandes**

Pensar que por 40 anos uma prática esportiva foi proibida por lei no Brasil pode parecer surreal, mas não é. Muita coisa mudou, mas ainda não o suficiente. Confira o panorama do futebol feminino em Ipatinga e Viçosa

Em qualquer bom site sobre a história dos esportes e do futebol consta o fato que, entre os anos de 1941 até 1983, alguns homens de terno no poder se consideraram no direito de estabelecer limites à participação de mulheres na prática de esportes que exigissem força, com o argumento de isso ser contrário à natureza feminina. De lá para cá muita coisa mudou, mas o incentivo necessário para retirar o futebol feminino do atraso em que se encontra não veio.

E todo o cenário do esporte perde com isso.

Faz só dois anos desde a Copa do Mundo Feminina de 2019. Para o futebol feminino, 2019 foi histórico. A Copa do Mundo sediada na França bateu recorde de público e audiência, o que gerou grande visibilidade nas mídias. Os papéis da Fifa e da grande imprensa foram fundamentais para dar visibilidade aos talentos, às jogadas e à emoção da Copa feminina, permitindo mais respeito ao profissionalismo das atletas. Meses depois do mundial, o Campeonato Paulista Feminino também começou a chamar atenção e concentrou quase 30 mil pessoas na Arena Corinthians, em Itaquera, recorde de público do futebol brasileiro. O “Paulistão” se tornou referência para o futebol feminino no país, mas contou naquele ano com apenas 12 equipes

inscricas. O Campeonato Mineiro teve só seis.

Os três grandes clubes da capital participaram do torneio. Acompanhando América, Cruzeiro e Atlético, estavam também o Funorte, de Montes Claros, além de Ipatinga FC e Social FC (dois rivais diretos no Vale do Aço - o Social é de Coronel Fabriciano). Porém, em 2020, apenas o Ipatinga representou o interior no campeonato estadual.

O locutor da Rádio Itatiaia de Ipatinga, Gustavo Pimentel, tomou a frente de um projeto cujo objetivo era gerar visibilidade para as atletas e atrair o apoio da população ao esporte. Gustavo transmitia, em seu canal no YouTube, Esporte Online Vale do Aço, os jogos do Ipatinga contra os clubes da capital e, por acompanhar de perto as duas realidades, destacou: “a diferença é gritante, a começar pela estrutura dos clubes, pois em Belo Horizonte o treinamento acontece no mesmo centro que as equipes profissionais, enquanto em Ipatinga a estrutura é amadora e o extra-campo não favorece tanto o desenvolvimento das meninas”.

O mais alarmante foi quando o clube do Vale do Aço não conseguiu bancar os custos de um dos jogos na casa do América. As atletas foram às ruas da cidade em busca de doações para arcar com

Jogadoras pedindo dinheiro no sinal para viajarem a BH para partida contra o América-MG



Treino do time feminino no Estádio Ipatingão

o transporte, a hospedagem, a alimentação, e até mesmo os testes de covid-19. Além disso, muitas das que compõem o elenco do Ipatinga hoje não recebem salário. Jogam unicamente pelo amor ao esporte e pela crença de que, um dia, o cenário vai mudar.

Em Viçosa, a realidade é um pouco mais distante. Em 2018, através da Secretaria da Cultura, Patrimônio Histórico e Esporte, a Prefeitura fez um repasse de R\$5mil reais ao time de futebol feminino da cidade, organizado pela

Liga Esportiva Viçosense (LEV), para a participação no Campeonato Mineiro daquele ano. Apesar da grande ajuda, a quantia fica muito aquém da que os clubes de ponta receberam.

A reportagem conversou com o ex-presidente do Viçosa Esporte e Lazer (VEL), José Maria, conhecido como Duca. Ele está por dentro do cenário de futebol feminino da cidade desde 1998 e tentou levar as meninas que se interessavam pelo esporte para o VEL. No entanto, afirma que a falta de apoio e de re-

ursos não permitiu o desenvolvimento.

Duca, assim como as atletas, que ainda resistem, além de diversos outros profissionais que atuam no futebol feminino no interior, mostram que, apesar da falta de recursos e apoio, raça não falta. É possível ter esperança e acreditar que todo o atraso causado por ideologias misóginas pode ser revertido. A luta é árdua e requer força, principalmente de quem está dentro e entende tudo de bom que o esporte tem a oferecer.

Futebol feminino em Itabira carece de incentivos

Por **Matheus Tavares**

A luta diária e os desafios do desenvolvimento do futebol feminino. A reportagem esteve na cidade de Itabira, interior de Minas

Nos últimos anos, o futebol feminino está cada vez mais presente nas emissoras de televisão, no rádio, em jornais, revistas, podcasts e grandes perfis esportivos mundiais, sinalizando que as mulheres estão conquistando cada vez mais espaço no esporte. Mas a modalidade ainda é muito desvalorizada, se comparada ao futebol masculino. Esse crescimento, por menor que seja, já configura passos importantes na luta por reconhecimento das atletas.

Na medida da ascensão do futebol feminino, crescem também problemas ocultos, como assédios e preconceitos. Se a grande mídia traz esses e outros problemas, o que dizer do futebol feminino do interior, que não aparece nas mídias?

Segundo a atleta Ana Clara Waichert, de um time referência em Itabira/MG, o Fortaleza, tanto futebol quanto futsal da cidade são totalmente desvalorizados. Segundo ela, faltam investimentos nos times e na infraestrutura, além de existir preconceito. Não suficiente, a discriminação se torna ainda pior

quando vem das próprias colegas de time. Ana conta que esses fatores já a levaram a desistir de equipes da cidade. “Colegas de equipe me mandavam dirigir fogão, que eu não prestava para aquilo. Quando cansei de aguentar, eu cedi, e por um momento desacreditava de mim”, desabafa.

Na mesma linha de pensamento, o educador físico Victor Caldeira, treinador do time da Futsalvic, enxerga tais problemas como determinantes no progresso do futebol feminino na cidade. Responsável pela única escolinha de base (crianças) com inclusão de meninas na equipe, ele vê diminuir ano após ano o número de adesão das meninas ao esporte no seu projeto. Apesar disso, não considera isso uma desmotivação. Como especialista pedagógico no quesito esportivo, Victor sabe da importância que o futebol de base tem. Sua escolinha, apesar das dificuldades, é fundamental na construção e adesão do futuro do futebol feminino na cidade.

Da mesma forma, o treinador Hudson Vitor, da equipe Itabirano Esporte Clube, vivencia de perto a luta de suas atletas. Em um contexto sem estrutura, apoio ou investimento, o Itabirano Esporte Clube caminha com seus próprios pés. Com um projeto de expansão para todas áreas da cidade, o clu-

be cresce a cada dia e se projetou para disputar o Campeonato Amador sub-20 de 2021. Mesmo com e evolução a longo prazo, ele tem ciência que muito é deixado a desejar em relação a área: “Uma das maiores dificuldades é a valorização do futebol feminino na região, junto com investimento também. Mesmo com toda evolução, ainda há preconceito pela mulher praticar o esporte. Com isso, a dificuldade só aumenta”, explica.

O futebol feminino no interior sofre ainda mais com a falta de investimentos dos setores público e privado. Mas todas as atletas e profissionais que trabalham nessa área ajudam a semear a esperança de dias melhores para projetos, incentivos e para a diminuição do preconceito.

Equipe do Itabirano Futebol Clube



A atleta Lavínia Costa no Campo do Grêmio, em Itabira-MG

Abre alas que quero voltar!

Por Caio Ferreira

Vai ter Carnaval em 2022? O subsecretário de Cultura do estado do Rio de Janeiro conversou com nossa reportagem sobre o assunto

O ano de 2021 foi atípico na vida do folião brasileiro. Isolamento social, empobrecimento da população, milhares de mortes pela covid-19 e a sensação de que a pandemia jamais iria acabar. O ano marcou a falta da festa mais tradicional pelas ruas do país. Além da ausência de toda a alegria gerada pelo Carnaval, a falta do evento impactou a renda dos ambulantes e a receita dos baraqueiros, dos comércios locais, dos municípios e dos estados promotores da festa.

De acordo com dados do consórcio de veículos de imprensa, até 14 de dezembro, 65,6% da população brasileira estava com o ciclo vacinal completo. Então o povo começa a se perguntar: teremos Carnaval no ano que vem? Existem condições sanitárias para termos a folia de Momo em 2022?

A nossa reportagem procurou respostas junto ao poder público de um dos estados que é símbolo do Carnaval brasileiro. Em entrevista exclusiva, o subsecretário de Cultura do Rio de Janeiro, Vitor

Correa, afirmou que será possível que tenhamos carnaval em 2022. “Questões sanitárias à parte, todos os esforços estão sendo direcionados para que tenhamos carnaval no ano que vem. É uma situação complexa, já que no Rio de Janeiro o carnaval é muito amplo. Muitas vezes as pessoas pensam apenas na capital, mas tem carnaval por todo o estado e nós contamos também com os poderes municipais para isso”, explica.

Um levantamento da Confederação Nacional do Comércio mostrou que em 2020 existia a previsão de que o Brasil movimentaria R\$ 8 bi apenas no setor do turismo com o carnaval. Com a ausência da festa, em 2021 a arrecadação do Rio de Janeiro também foi afetada e, mesmo não tendo números exatos sobre quanto o estado deixou de arrecadar, a maior preocupação da Secretaria de Cultura é com a situação financeira das pessoas que vivem e fazem o Carnaval no Rio. “Encontramos pessoas que precisavam estar prontas para viver de samba o ano todo com ajuda do estado, então ajudamos as escolas de samba, os fazedores de cultura, as Ongs, essas organizações a estarem em condições de receber verba do estado, regulamentando CNPJ, documentação pra prestar conta. E pra isso nós lançamos editais

Cezar Loureiro/RioTur



de cultura durante todo o ano de 2020 e 2021: tivemos o Cultura nas Redes, que já vai pra sua segunda edição, a Lei Aldir Blanc, Lei de Incentivo à Cultura... quando somamos, o valor investido em cultura pelo Estado do Rio de Janeiro nos últimos dois anos supera o investido nos últimos 70 anos”, afirma o subsecretário.

Para além de aspectos financeiros, burocráticos e sanitários, o possível Carnaval de 2022 também representa a volta da expressão cultural do povo preto nas ruas. Para a produtora e animadora cultural do Rio, Renata Ferreira, o próximo carnaval será bem peculiar: “Será diferente, uma retomada ainda lenta, devagar, com várias ressalvas e cuidados. Não ter carnaval em 2021 foi triste, não só pela festa na rua ou pelo samba, mas principalmente para aqueles que dependem do carnaval para viver, que em sua maioria são pessoas pretas”.

O carnaval é um evento definido pelo Estado e pelas administrações públicas. Para a animadora cultural, o poder público estaria se organizando para que tenhamos a festividade no ano que vem: “Saber que o governo pensa no retorno de todos em segurança é ótimo, eu acho que vai ser um boom, de gente, de alegria, de felicidade, todos estão ansiosos para retomar as atividades, as festas. Ver as ações da comunidade do carnaval e do samba durante a pandemia e toda a organização para o ano que vem é ter esperança, é entender que nós voltaremos ao samba, voltaremos a ocupar a rua, que é o lugar onde o carnaval deve estar, com o povo...”, completa.



UFV




www.com.ufv.br    [comufv](#)

Foto: nascer do sol em Viçosa, a partir do Bairro de Ramos